

AS MULHERES NEGRAS EM CARGOS DE CHEFIA

BLACK WOMEN IN HEAD POSITIONS

Maria do Perpétuo Socorro Lima de Sousa¹

Resumo: Verificar a forma pela qual as mulheres negras adentram o espaço profissional e assumem os cargos de chefia, que tipo de problemas, desvalorização e discriminação essas mulheres enfrentam. Há diferença pela questão racial ou de gênero? Lançamos mão de conhecimentos populares que estão buscando cunho científico à medida que as pesquisas avançam neste sentido e embocam fundo na procura de confirmação desses saberes in loco é o que podemos averiguar a partir de guerreiras que enfrentaram esse desafio e confirmamos através do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA - 2008. p. 3). No que diz respeito à família, um dos principais indicadores para se perceberem as transformações e as permanências na igualdade, sobretudo entre homens e mulheres, estão nos dados sobre chefia da família, passou de 19.7% em 1993 para 28.8% em 2006. Hoje se fala muito em diversidade incluindo gênero, embora esse quadro não tenha sido pintado, sempre assim, ha pouco tempo a economia colonial brasileira fundada na grande propriedade rural e na mão de obra escrava deu pouca atenção ao ensino formal para os homens e nenhuma para as mulheres. O isolamento, a estratificação social e as relações familiares patriarcais favoreceram uma estrutura de poder fundada na autoridade sem limites dos homens donos de terras. Algumas mudanças só ocorreram com a chegada da família real ao Brasil, segundo Alves (2010): "As imigrações internacionais e a diversificação econômica aumentaram a demanda por educação, que passou a ser vista como um instrumento de ascensão social pelas camadas sociais intermediárias". Este traz as primeiras impressões de uma pesquisa que tem como pano de fundo a mulher a frente de setores em instituição pública, no momento não encontramos projetos que

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia – UFAM

traduzissem as expectativas das profissionais mães, esposas, responsáveis por pais idosos ou ainda em momentos de fragilidade física e fisiológica, expectamos contribuir com a construção dessa política de apoio a mulher que está em um cargo de chefia e a frente de outros fronts de trabalho familiar ou social.

Palavras-chave: Mulher. Profissão. Equidade.

Abstract: To check the way used by black women step into the professional space and assume the leadership positions, what kind of problems, devaluation and discrimination these women face. No difference by gender or race issue? Lay hold of popular knowledge that are seeking scientific slant as the research advances in this direction and do “deep diving” seeking confirmation of this knowledge is the spot we can ascertain from that “warrior-women” who faced this challenge and confirmed by the Institute of Economic Research (IPEA p. 3/2008). Regarding to the family, one of the main indicators to identify the changes and continuities in equality, especially between men and women - are us data over head of-family, grew up from 19.7% in 1993 to 28.8% in 2006. Nowadays there is much talk on diversity including gender, although this picture has not been painted, always like that, a short time ago the Brazilian colonial economy based on large rural properties and hand-slave labor gave little attention to formal education for men and none for women. The isolation, social stratification and patriarchal family relations favored a power structure based on unbounded authority of men landowners. Some changes only occurred after the arrival of the Portuguese Brazilian royal family, according Alves (2010): International migrations and economic diversification has increased the demand for education, which was seen as an instrument for social strata by intermediate. This brings the first impressions of the research that has as its background the woman ahead of sectors at a public institution at the time did not find projects to translate the expectations of professional mothers, wives, responsible for elderly parents or in moments of physical frailty and physiological, we expect to contribute to building political support that the woman is in a leading position and ahead of-other-fronts of-family or social work.

Keywords: Women. Profession. Equity.

Breve histórico das lutas das mulheres

As lutas das mulheres se encontram com todas as outras lutas, quando se fala de família, aí está a mulher se sobrecarregando para dar conta da organização do lar, junto com essa, vem os filhos, maridos, pais, irmãos, enfim a mulher procura contribuir direta ou indiretamente com os avanços daqueles que a cercam, historicamente a mulher provê a família para os homens terem espaço e condições de buscar suas proposituras e deixa, mesmo enquanto irmã, mãe ou aquela que estiver mais próxima, assumindo, muitas vezes o papel de responsável direta da família, porém há muito pouco tempo é que acompanhamos essa responsabilidade ser reconhecida, e em grande parte se deve as lutas travadas tanto dentro das casas, indo contra as conveniências sociais, quanto na rua se rebelando contra os autoritarismos machistas.

Na incorporação da mão de obra feminina nas indústrias, entre os séculos XIX e XX com a revolução industrial, a mão de obra escassa necessitou da força de trabalho da mulher o que resultou, em parte, na redenção das mulheres da situação de domésticas ou agricultoras, sem possibilidades de avanços, com essa nova atividade, a mulher começou a se sentir livre, mas diminuída em relação aos outros trabalhadores com esse sentimento ela enfrentou as dificuldades em busca de equiparação, resultando na manifestação de 8 de março 1857, quando trabalhadoras da indústria têxtil reivindicaram melhores salários e condições de trabalho em Nova York (EUA).

As exigências por melhores condições de trabalho, acesso à cultura e igualdade entre os sexos, permaneceram latentes e persistentes. Em retaliações aos maus tratos aplicados as mulheres, aparecem em registros históricos os assédios sexuais, espancamentos, além de 12 horas de trabalho. No contexto dessa situação, as mesmas buscaram soluções, não era perspectiva das mesmas abrir mão do trabalho,

voltar a situação de mulher “do lar”. No entanto a medida que elas se rebelavam as dificuldades pioravam na tentativa de que regredissem nas manifestações. No entanto as dificuldades fortaleceram o movimento e tomaram as ruas com passeatas, como a de 1908, com 15 mil mulheres nas ruas de Nova York, marchando pela redução de horário, melhores salários e direito ao voto, em 28 de fevereiro de 1909, foi celebrado o primeiro dia Internacional da Mulher, no ano seguinte primeira conferência internacional de mulheres, em Copenhague (Dinamarca), organizada pela Internacional Socialista – organização global de partidos socialdemocratas, socialistas e trabalhistas, quando foi aprovada proposta da socialista alemã Clara Zetkin de instituição de um dia internacional da mulher, Não foi especificada nenhuma e em 1911, o Dia Internacional da Mulher foi celebrado em 19 de março, por mais de um milhão de pessoas, na Áustria, Dinamarca, Alemanha e Suíça. Logo em seguida ocorreu a tragédia, do dia 25 de março de 1911, na fábrica da Triangle Shirtwaist mataria 146 trabalhadores, costureiras em sua maioria. Esse dia ficou no imaginário coletivo e atribuído a origem do dia internacional da mulher. Em continuidade ao dia internacional da mulher, que foi o estopim para a revolução de 8 de março de 1917 na Rússia, a greve das operárias da indústria têxtil contra a fome, em oposição ao Czar Nicolau II da Rússia e pelo fim da participação do país na I Guerra Mundial, causam a abdicação do Czar Nicolau II, entre outras ações. Revolução Bolchevique ou Revolução Vermelha, que foi a segunda fase da Revolução Russa de 1917 –, a feminista bolchevique Alexandra Kollontai persuadiu Lenin para oficializar o Dia da Mulher que, durante o período da União Soviética foi celebrado como o dia da “heroica mulher trabalhadora”. No período em que a antiga Checoslováquia integrava o Bloco Soviético (1948 - 1989), esta celebração foi apoiada pelo Partido Comunista, porém aos poucos foi se transformando em paródia. Essa data foi usada como instrumento de propaganda do partido. Nas últimas décadas, o dia acabou por se tornar um arremedo de si próprio. A cada dia 8 de março, as mulheres ganhavam uma flor ou um presente barato do chefe. Assim, o propósito original da celebração perdeu-se completamente.

A data foi comemorada durante as décadas de 1910 e 1920, no Ocidente, ganhando força ao longo do movimento feminista dos anos 60. Porém, somente em 1910, durante uma conferência na Di-

namarca, ficou decidido que o 8 de março deveria a ser o Dia Internacional da Mulher, em homenagem às mártires que morreram no incêndio na fábrica em 1857.

Ao longo da história de lutas das mulheres muitas datas retratam esse processo dentre elas as acima citadas, no entanto em outras datas foram encampadas lutas que nem sempre aparecem na história, 1788 – O político e filósofo francês Condorcet reivindica direitos de participação política, emprego e educação para as mulheres , 1789 – Na França, as mulheres passam a atuar na sociedade de forma mais significativa, reivindicando a melhoria das condições de vida e trabalho, a participação política, o fim da prostituição, o acesso à instrução e a igualdade de direitos entre os sexos , 1791 – A francesa Olympe de Gouges lança a Declaração dos Direitos da Cidadã, na qual reivindicava o “direito feminino a todas as dignidades, lugares e empregos públicos segundo suas capacidades”, 1793 – Olympe de Gouges é condenada à morte e guilhotinada em 3 de março por “ter querido ser um homem de estado e ter esquecido as virtudes próprias do seu sexo”. Nesse mesmo ano, as associações femininas foram proibidas na França, 1819 – A Inglaterra aprova a lei que reduzia para 12 horas o trabalho das mulheres e dos menores entre 9 e 16 anos ,1840 – Lucrécia Mott luta pela igualdade de direitos para mulheres e negros dos Estados Unidos, 1859 – Surge na Rússia, na cidade de São Petersburgo, um movimento de luta pelos direitos das mulheres, 1862 – Durante as eleições municipais, as mulheres podem votar pela primeira vez na Suécia ,1865 – Na Alemanha, Louise Otto, cria a Associação Geral das Mulheres Alemãs , 1866 – No Reino Unido, o economista John S. Mill escreve exigindo o direito de voto para as mulheres inglesas, 1869 – É criada nos Estados Unidos a Associação Nacional para o Sufrágio das Mulheres , 1870 – Na França, as mulheres passam a ter acesso aos cursos de Medicina, 1874 – Criada no Japão a primeira escola normal para moças, 1878 – A Rússia implanta uma universidade feminina , 1901 – O deputado francês René Viviani defende o direito de voto das mulheres, 1903 – Profissionais liberais norte– americanas criaram a Women’s Trade Union League. Esta associação tinha como principal objetivo ajudar todas as trabalhadoras a exigirem melhores condições de trabalho, 1908 – Mais de 14 mil mulheres marcharam nas ruas de Nova York, reivindicando o mesmo que as operárias de 1857,

além do direito de voto. Caminhavam com o slogan “Pão e Rosas”, em que o pão simbolizava a estabilidade econômica e as rosas, uma melhor qualidade de vida , 1910 – Numa conferência internacional de mulheres, realizada na Dinamarca, foi decidido, em homenagem àquelas mulheres, comemorar o 8 de março como Dia Internacional da Mulher ,1932 – É instituído no Brasil o voto feminino.

A criação do dia Internacional da mulher não foi apenas na intenção de celebração, mas principalmente da realização de conferências, debates e reuniões cujo objetivo é discutir o papel da mulher na sociedade atual. O esforço é para diminuir a desvalorização, discriminação e o preconceito ao sexo feminino. Os avanços que ocorreram nesses últimos séculos, não evitaram o sofrimento das mulheres, em muitos locais, com salários baixos, violência masculina, jornada excessiva de trabalho e desvantagens na carreira profissional. Muito foi conquistado, mas muito há para ser modificado nesta história. Para (Prado. 2012.p.2):

No Brasil, considera-se o dia 24 de fevereiro de 1932 como um marco na vida de nossas mulheres. Pois, nesta data foi instituído o voto feminino. As mulheres conquistavam, depois de muitos anos de reivindicações e discussões, o direito de votar e serem eleitas para cargos no Executivo e no Legislativo. Apesar de constatarmos um avanço na consolidação dos direitos da mulher no mundo, neste início de século, ainda não se pode dizer que elas conquistaram uma posição de igualdade em relação aos homens. Estes continuam tendo maior acesso à educação e a empregos bem remunerados. A isso soma-se também a violência física e psicológica contra a mulher, fenômeno que continua a fazer parte do cotidiano da vida moderna. (Prado, 2012,p.2)

O Recôndito da Mulher Negra na Educação Formal Brasileira

A mulher negra na sociedade brasileira parece não ter voz, cor e sexo/gênero. A dominação se intensifica no âmbito da invisibilidade de gênero que lida com os sujeitos de forma linear considerando mulheres e homens como seres homogêneos e sem expressão étnico-racial. A busca pela retórica fez com que o Estado desenvolvesse formas discriminatórias e de desvalorização das mulheres negras,

mantendo regras de segregação contrárias ao princípio de alteridade e de reconhecimento das diferenças, recorrendo aos estereótipos estafados do racismo. Embora essa não seja uma peculiaridade da mulher, em relatos escritos encontramos situações semelhantes com homens no mesmo viés discriminatório, embora a mulher sofra a discriminação por várias vertentes, mesmo não sendo o sexo frágil, em se tratando de suportar dores físicas e emocionais, ainda assim a discriminação se torna pessoal, social, profissional, sexual enfim a mulher engloba situações ao ser discriminada, e nem vamos, ainda, questionar a estética e o intelecto.

Na sociedade colonial a economia brasileira fundada na grande propriedade rural e na mão-de-obra escrava deu pouca atenção ao ensino formal para os homens e nenhuma atenção para as mulheres negras. O isolamento, estratificação social e as relações familiares patriarcais favoreceram uma estrutura de poder fundada na autoridade sem limites dos homens donos de terras. A tradição cultural ibérica patriarcal vinda de Portugal para a colônia brasileira, considerava a mulher um ser inferior, que não tinha necessidade de aprender a ler e a escrever. A educação monopolizada pela Igreja Católica reforçava o espírito medieval. A obra educativa da Companhia de Jesus (Jesuítas) contribuiu significativamente para o fortalecimento da predominância masculina, sobressaindo o apego dos jesuítas às formas dogmáticas de pensamento cuja contribuição ao mandonismo da Igreja e do Estado foi fator relevante. Algumas mudanças só ocorreram com a chegada da família real ao Brasil, conforme aponta (Alves, 2010, p.57):

Com a vinda da Família Real portuguesa ao Brasil e a independência, em 1822, a sociedade brasileira começou a apresentar uma estrutura social mais complexa. As imigrações internacionais e a diversificação econômica aumentaram a demanda por educação, que passou a ser vista como um instrumento de ascensão social pelas camadas sociais intermediárias. Neste novo contexto, pela primeira vez, os dirigentes do país manifestaram preocupação com a educação feminina. Os primeiros legisladores do Império estabeleceram que o ensino primário deveria ser de responsabilidade do Estado e extensivo às meninas, cujas classes deveriam ser regidas por professoras. Porém, devido a falta de professoras qualificadas e sem conseguir despertar maior interesse dos pais, o ensino sequer logrou abranger uma percentagem significativa de

alunas. (Alves, 2010, p.57)

Na visão da família real os habitantes do Brasil, ainda eram “puros primitivos”, viviam da natureza e para a natureza, com tecnologias produzidas por eles mesmos, embora Orellana tenha “descoberto” a região entre 1541 – 42 ,ela só foi ocupada muito tempo depois. Nas palavras de (Beltrão e Beltrão ,1994, p.09):

Novamente deixada ao abandono a região que tange ao processo de colonização, apenas era visitada pelos apanhadores de escravos índios. Em 1658 outra expedição vai fixar-se no local da primeira, na boca do Tarumã. A fixação definitiva e os primeiros processos de colonização e cultura só apareceram definitivamente com a criação do forte, em 1669, construído segundo as diligências da época, por troca de vantagens econômico – políticas, pelo Capitão Francisco da Mota Falcão e seu filho Manuel da Mota Siqueira. (Beltrão e Beltrão, 1994, p.09)

As discussões sobre a participação da mulher, na história passa a ocorrer, a partir sobretudo da segunda metade do século passado e por insistência incansável das feministas. Não obstante a todos os obstáculos, as mulheres já obtiveram importantes vitórias. Podemos dizer que elas vêm construindo a sua autonomia financeira, o que pode contribuir também para a sua emancipação. O número de mulheres que exercem a chefia feminina cresce assustadoramente. É o que revela o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA (2006, p.05):

As mulheres apresentam, em praticamente todos os indicadores educacionais, melhores condições do que o grupo masculino. A grande questão neste campo se configura, portanto, na reprodução dos papéis sociais atribuídos a homens e mulheres pelos livros didáticos, pelos professores, pelas práticas de ensino, de forma a impactar nas escolhas de meninos e meninas no campo profissional, dando origem a uma grande segmentação profissional por sexo. Além disto, cabe ressaltar que a vantagem vivenciada pelas mulheres no campo educacional não se traduz em maior ocupação no mercado de trabalho, em postos de trabalhos mais qualificados e em maiores salários. (IPEA, 2006, p.05)

Mas, ainda que as mulheres tenham conquistado importantes espaços na sociedade com protagonismo histórico, elas ainda não conseguiram se desvincular das tarefas domésticas, corolário das mulheres trabalhadoras (TORRES, RODRIGUES, 2010). “Afirmar as diferenças para promover a igualdade” essa é uma das máximas encontradas no plano nacional de políticas para as mulheres, então porque que as mulheres violentadas pela sociedade e pelos homens, maridos, companheiros, namorados, enfim ainda estão sendo vitimadas e não se houve falar através da mídia de nenhum deles que foi preso, julgado e que cumpre pena pela violência e ainda se reproduz o discurso, de que são as mulheres que os provocam por isso que não denunciam, lembra o discurso colonialista sobre as escravas “Branca é pra casar e preta é pra futrifcar”, não é menos agressivo do que o ocorrido entre as mulheres de todas as etnias, embora a negra seja considerada, ainda, mercadoria de baixo valor e sem competência para assumir a responsabilidade dos cargos dentro da formação de cada uma.

As mulheres brancas a cada dia assumem, com mais qualificação e competência os cargos de chefia nos espaços de poder. Estão em patamar de excelência nas várias instituições. No entanto, essa realidade não é a mesma para as mulheres negras que aparecem de forma diminuta nos cargos executivos.

Essa exclusão é um traço distintivo do racismo brasileiro que só recentemente passou a tolerar algumas mulheres negras nos espaços de poder, não o fazendo por respeito às diferenças, mas para fins de retórica e construção de uma boa imagem para o país. Esperamos poder crescer em equidade de gênero nos próximos anos, a fim de que o Brasil consiga ser um país desenvolvido, de fato.

A Mulher Negra em Cargos de Chefia

A mulher como ser social, é um tema recente no Brasil e no mundo, eram reconhecidas por codinomes: filha, mãe, esposa. As profissões eram variadas cozinheira, lavadeira, passadeira, babá, co-

peira, depois empregada doméstica, sem falar do período da escravidão, que deixou marcas prementes que se arrastam até os dias de hoje. Nesta perspectiva (Luiz ,2010, p. 03) fala:

No mercado, as mulheres ainda ocupam cargos inferiores em relação aos homens, isto se comprova através de estudos e pesquisa, revelando, que para elas alcançarem os mesmos cargos que os homens, em empregos formais, necessitam de uma vantagem de cinco anos de escolaridade. Esses dados agravam-se quando relacionados às mulheres negras, que necessitam de oito a onze anos de estudo a mais, em relação aos homens. A disseminação de trabalhos que a sociedade e a mídia impõe, sempre subalternos, desvalorizado, diante da fomentação salarial, que às enquadra, gerando qualidade de vida social baixa. (Luiz ,2010, p. 03)

O que Luiz afirma é uma realidade no Brasil, onde as profissões femininas eram de cunho doméstico, em se tratando da mulher negra esse viés se torna mais amplo e com sérias dificuldades de acesso social. Segundo (Borges, Medeiros e D'adesky, 2002. P.67) o Brasil tem um ditado racista que diz “ no Brasil não existe racismo porque o negro conhece o seu lugar”, se o negro conhece o seu lugar e, como vimos antes, a mulher é para assumir cargos estritamente domésticos, nos perguntamos onde é o lugar da mulher de forma geral e da mulher negra? Especialmente a mulher negra, que precisa confrontar – se com a sociedade, no afã de fazer valer seus direitos e competência, desmistificando as crenças inculcadas no período da escravidão, através do desejo de branqueamento das raças, com um ditado popular que além de racista, discriminatório, era depreciativo para mulher negra, “branca é para casar e preta é para futricar”. A busca por reconhecimento, inclusive da própria identidade, respeito e inclusão social, ela precisou se reinventar para que alçasse alguns patamares, embora a pressão social seja extremamente destruidora, em alguns casos vem da própria categoria, são tantos anos de luta sem avanços que o próprio povo chega a duvidar que seja possível mudanças, por esta razão, especialmente os homens negros que alcançam alguma repercussão social e financeira, geralmente procuram mulheres brancas para casar, salvos algumas exceções, reproduzindo categoricamente o discurso colonialista, citado anteriormente, desabonando por completo a mulher negra de seu papel como ser social capaz de

constituir uma família e de compor um grupo social, dentro do que consideram médio ou alto escalão social, essa confirmação se dá nos meios de comunicação, com a imagem de negros nesse contexto, onde as famílias se compõem de brancos, os heróis, as mocinhas, enfim os negros estão sempre em uma condição inferior, seja na moradia, trabalho ou situação social .

Acompanhamos algumas mudanças, parcas ainda, até porque as relações pessoais perpassam por crivos que vão além do racismo. Por outro lado as redes sociais estão investindo pesado através de blogs, twitters entre outros meios para desmistificar essa imagem da mulher, especificamente a mulher negra, postando artigos e matérias alusivas aos avanços e agressões sofridas por essas mulheres, uma dessas matérias diz respeito a filha do governador do Espírito Santo, Ana Flávia Peçanha de Azere-do, foi agredida com palavras e fisicamente , (Borges, Medeiros e D’desky.2010.p66) :” você tem que aprender que quem manda no prédio são os moradores preto e pobre aqui não tem vez”, foi veiculada na Revista Veja,7/7/1993, com o titulo “A Cinderela Negra”. O que esclarece e confirma que o Brasil é racista, preconceituoso e extremamente violento, direitos humanos, são para algumas categorias dessa raça, para muitos, o negro é expatriado ou nômade, ou não precisa de inserção social, não tem direito a isso, essas reflexões atingem a mulher em vários fronts, o homem negro, bem sucedido, pode casar com a mulher branca, mas o contrário só ocorre, com mais tranquilidade se o homem em questão não estiver na mesma situação que ela ou esteja mais desconfortável, financeira e socialmente. No trabalho a mulher negra é desqualificada pela aparência, a competência é a última das qualidades que são mensuradas, ela precisa ser aprovada por meio de avaliações objetivas, pois se depender do crivo da indicação, salvo raríssimas exceções, dificilmente será apontada como apta ao trabalho. Para (Luiz,2010,p.04):

Em todas as regiões analisadas, as taxas de desemprego total são mais elevadas para as mulheres negras: Belo Horizonte (22,2%), Distrito Federal (25,6%), Porto Alegre (24,5%), Recife (25,7%), Salvador (31,3%) e São Paulo (26,2%). Na capital gaúcha, cuja taxa de desemprego é a mais baixa dentre as regiões (15%), as mulheres negras sem emprego representam 24,5%. Em Salvador, onde a maioria dos trabalhadores é negra, as mulheres negras representam 31,3% e os homens não-negros,16%.Apesar de distribuição desigual, em comum as regiões têm o fato de as mulheres negras serem as que detêm

as maiores taxas de desemprego e permanecem por mais tempo desocupadas. “Quando obtêm trabalho, lhes são reservadas ocupações de menor qualidade, status e remunerações”, afirma o Dieese. “Engajadas em ocupações caracterizadas pela precariedade e enfrentando dificuldades para ascensão em suas carreiras profissionais, as afrodescendentes apresentam remunerações substancialmente mais baixas que os demais segmentos da população.” (Luiz, 2010, p.04)

Como se justifica que em um país onde as mulheres são a maioria em formação acadêmica, ocorra tal disparate em relação a oferta e procura, apresentando um quadro de desemprego que não condiz com o que vemos na pesquisa apresentada no livro das desigualdades através do (IPEA/2011p.21) (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada). Com esse contexto, queremos retornar a pergunta “qual o lugar da mulher e da mulher negra? Na averiguação do (IPEA/2011 p. 21):

Em 1995, a taxa de escolarização líquida no ensino superior que mede a proporção de pessoas matriculadas no nível de ensino adequado para sua idade era de 5,8%, chegando, em 2009, a 14,4%. Neste mesmo ano, esta taxa era de 21,3% entre a população branca, contra apenas 8,3% entre a população negra, chegando a apenas 6,9% entre os homens negros. Em 2009, a taxa de escolarização das mulheres no ensino superior era de 16,6%, enquanto a dos homens, de 12,2%. A taxa de escolarização de mulheres brancas no ensino superior é de 23,8%, enquanto, entre as mulheres negras, esta taxa é de apenas 9,9%. As políticas de expansão das universidades, o Prouni, as ações afirmativas e outras política têm contribuído para os avanços nesta área, no entanto, as desigualdades raciais que determinam e limitam as trajetórias de jovens negros/as explicam a discrepância dos dados. (IPEA, 2011 p. 21)

Para o IPEA a mulher branca tem mais oportunidades que a mulher negra, visto que 23,8% de alunas nas universidades são brancas e apenas 9,9% são de discentes negras, mesmo com ações afirmativas como o PROUNI, entre outras que têm contribuído para a diminuição dessa distância existente entre essas categorias que enfrentam a cobrança social da formação, cada vez mais abrangente e específica, para que venha a competir no mercado de trabalho, embora com a formação necessária ainda se esbarre no quesito aparência, classificando e excluindo profissionais gabaritadas, apenas por não

estar dentro de um padrão físico estipulado por uma sociedade que plagia a imagem europeia, embora tenha imagem própria que difere desses estereótipos. Em pleno século XXI, conquistamos a primeira reitora negra e também o primeiro chefe do supremo negro no Brasil e nos Estados Unidos da América, o primeiro presidente negro, esse termo primeiro de certa forma ofende, embora precise acontecer em algum momento esse primeiro lugar, essa é uma visão clara do que ainda precisa avançar, pois em dois mil anos, conceito bíblico, os negros estão assumindo postos de chefia do alto escalão, nos permitimos dizer que é no mínimo aterrador. Diante dessas inferências voltemos nossa percepção para as populações tradicionais que tem na mulher o esteio de trabalhos, considerados pelos povos ocidentais como masculino, é o que diz Torres:

É a mulher que prepara a cerâmica, que conhece perfeitamente a técnica de manuseio da argila, cozimento e acabamento dos utensílios na temperatura adequada do fogo; tece a rede de dormir e a rede de pesca; faz o jamaxi que é o utensílio utilizado para iluminar a rede; faz abanos ou leques, paneiros para o depósito de farinha, cestos, peneiras, balaies, confecciona o jirau para tratar o peixe e suspensórios de paxiúba para plantar cebolinha e hortaliças; fabrica o seu próprio fogão de barro e o forno de fazer farinha; tece o tipiti que é utilizado na fabricação de farinha, enfim, confecciona vários outros implementos de cozinha além de ocupar-se dos serviços domésticos. (Torres, 2011, p.1)

Considerações finais

As consequências dessa discriminação que acomete as mulheres em cargos de chefia, pode ser vista na situação de diferenças entre os gêneros a partir dos salários, na folha online/2009, lemos o seguinte texto “completarem o nível superior não garante às mulheres a equiparação salarial igual aos homens”. O desempenho profissional dessas mulheres está sendo reconhecido a partir dos séculos XIX e XX, embora já lutem por mudanças em todo o contexto da história da humanidade, demonstrar quão capazes são essas mulheres ao assumir os mesmos cargos, que antes eram exclusividade masculina é o desafio que está sendo alcançado aos poucos mais de forma eficaz, no entanto ainda permanecem os

entraves da inclusão, excludente da população negra , especificamente a mulher, ficamos com a curiosidade em saber se essas mulheres são remuneradas e respeitadas no mesmo patamar dos homens e das mulheres não negras. Com uma mulher negra a frente da reitoria de uma universidade, se consolida algumas nuances, das lutas, embora essa seja uma universidade especifica, ainda assim é um ganho. Podemos festejar essa vitória.

Referências

ALVES, José Eustáquio Diniz. A Revolução Feminina: as mulheres à frente na educação. *ecodebate.com.br*07/23/2010.Disponível em:<http://www.ecodebate.com.br/2010/07/23/revolucaofeminina-as-mulheres-a-frente-na-educacaoartigodejoseeustaquiodinizalves/>.

BASTIDE, Roger e FERNADES , Florestan. Relações Raciais entre negros e Brancos em São Paulo. São Paulo: Anhembi, 1955.

BELTRÃO, Francisco Otaviano de Arruda: BELTRÃO, Otto Gilberto de Arruda. Enciclopédia da Amazonia Brasileira – Amazonas. Distribuidora de Livros Brasil Ltda. 1994.

Retrato das desigualdades de gênero e raça / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ... [et al.]. - 2ª ed. - Brasília: Ipea, 2006. 39 p. : il.

Retrato das desigualdades de gênero e raça / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ... [et al.]. - 3ª ed. - Brasília: Ipea, 2008. 39 p. : il.

Retrato das desigualdades de gênero e raça / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ... [et al.]. - 4ª ed. - Brasília: Ipea, 2011. 39 p. : il.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria Pesquisa. Técnicas de: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 5ª ed. São Paulo, Atlas, 2002.

PRADO, Luiz Alberto. A História da Luta da Mulher. Portal Multrio. Março/2013.Disponível em:

http://www.multirio.rj.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=100:a-origem-dodia-internacional-da-mulher&catid=33&Itemid=331

SILVA, Almir Liberato da et al. Pesquisa e Prática pedagógica I. ed. 2.UEA-Amazonas.2005

TORRES, Iraildes Caldas; RODRIGUES, Luana Mesquita. Mulher Trabalha ou Ajuda? Relações de gênero no sistema de produção na comunidade de São Francisco do Paroá, na Costa do Canabuo-ca, Manacapuru/AM. Disponível em: <http://www.MulherTrabalhaouAjudaRelaçõesdegêneronosistemadeproduçãocomunidadeSãofranciscodoParoánaCostadoCanabuoca>